

Os verbos psicológicos do Português do Brasil

Jannine Vieira Soares

RESUMO: Os verbos psicológicos do tipo objeto-experienciador são verbos que incluem em seu significado um estado mental (psicológico) que seu argumento interno passa a ter como decorrência de um evento causador relacionado. Tendo como arcabouço teórico a Morfologia Distribuída (HALLE; MARANTZ, 1993; MARANTZ, 1997, 2001), a proposta é tentar decompor tais verbos em uma estrutura de evento representada sintaticamente (RAMCHAND, 2003; PYLKKÄNEN, 2002; CUERVO, 2003; LIN, 2004; MARANTZ, 2007; HALE; KEYSER, 1993; etc.). Esses verbos apresentam certas propriedades sintáticas e semânticas, como por exemplo, permitirem paráfrases envolvendo nomes dos quais, com frequência, são morfologicamente derivados: *apavorar/causar pavor e animar/causar ânimo*. É possível que a raiz ou o nome de base em tais verbos nomeie estados psicológicos e que haja uma relação sintática e semântica (HALE; KEYSER, 1993), estabelecida por um morfema (um prefixo), entre o nome ou raiz que nomeia tal estado psicológico e o complemento do verbo, seu argumento interno. Defendemos que a estrutura morfológica possa dar alguma explicação (i) sobre como os verbos psicológicos selecionam seus argumentos e como eles são interpretados e (ii) que relação há entre a forma do verbo e a estrutura de evento com a qual ele está relacionado.

PALAVRAS-CHAVE: Verbos psicológicos; objeto-experienciador; sintaxe; estrutura de evento.

ABSTRACT: Object-Experiencer verbs include in their meaning a (psychological) mental state that its internal argument gets as a result of a related cause event. Assuming the theoretical framework of Distributed Morphology (HALLE; MARANTZ, 1993; MARANTZ, 1997, 2001), I try to decompose such verbs in a syntactically represented event structure (RAMCHAND, 2003; PYLKKÄNEN, 2002; CUERVO, 2003; LIN, 2004; MARANTZ, 2007; HALE; KEYSER, 1993; etc.). These verbs have certain syntactic and semantic properties: they allow paraphrases involving nouns from which they are often morphologically derived: *fear/cause fear, worry/cause worry*. It is possible that the root or base noun in such verbs denote psychological states and that there is a syntactic and a semantic relationships established by a morpheme (prefix), between the noun or root and the complement of the verb, its internal argument. We argue that the morphological structure can give us some explanation about: (i)

how the psychological verbs select their arguments and how they are interpreted and (ii) what relationship exists between the form of the verb and the event structure with which it is related.

KEYWORDS: psychological verbs; object experiencer; syntax; event structure.

Introdução

Os verbos psicológicos do tipo objeto-experienciador (doravante ObjExp) denotam um estado mental (ou psicológico) no referente de seu argumento interno; tradicionalmente, dizemos que o argumento interno recebe o papel temático de experienciador. Esses verbos têm recebido tratamentos diversos por apresentarem propriedades que os diferenciam dos demais verbos transitivos. Nossa proposta consiste em observar propriedades sintáticas e semânticas dos verbos psicológicos do tipo objeto-experienciador utilizando como fundamentação teórica a Morfologia Distribuída¹. Nossa intuição de falante será nossa fonte para a observação dos dados do Português do Brasil.

Uma das peculiaridades apontadas pela literatura para verbos que descrevem estados psicológicos de um modo geral é a alternância na posição sintática em que o argumento experienciador ocorre, isto é, o ser animado que experimenta o estado mental (ou psicológico) pode vir ora na posição de sujeito, ora como objeto direto, ora como objeto indireto. Observem-se os exemplos:

- (1) João teme a presença do leão.
- (2) A tempestade amedrontou a menina.
- (3) A palestra agradou aos participantes do evento.

Na sentença (1), o referente do sujeito experimenta um estado psicológico (temor do leão); na sentença (2), o referente do objeto direto é quem experimenta o “medo”; já em (3), é o objeto indireto quem se “agrada” com a palestra².

Os verbos psicológicos ObjExp podem ser associados a nomes de estados mentais. Por exemplo, amedrontar (medo), apavorar (pavor), atormentar

¹ Este trabalho é um resumo da minha dissertação de mestrado, defendida em 2014. Gostaria de agradecer à Capes que financiou a minha pesquisa durante o mestrado em Linguística, e à UFRJ (a equipe responsável pela organização desta revista) que me cedeu este espaço de discussão.

² Voltaremos, aqui, nossa atenção para os verbos psicológicos do tipo objeto-experienciador, sendo este um objeto *direto*, como no exemplo (2).

(tormento), aterrorizar (terror), animar (ânimo), etc. Também é comum permitirem paráfrases de frases com os verbos em questão envolvendo os nomes correspondentes, como os exemplos a seguir mostram:

(4) O filme apavorou a plateia.

(5) O filme causou pavor à plateia.

Isso pode ser observado, também, na estrutura morfológica de certos verbos: *a-pavor-ar*, *a-sust-ar*, *a-terror-izar* etc.

A proposta deste trabalho é tentar mostrar possíveis relações entre sua morfologia e propriedades sintático-semânticas apontadas na literatura. Tentaremos estabelecer uma possível estrutura de eventos associada a esta morfologia. De uma estrutura morfológica semelhante é natural que haja interpretação e comportamento sintático semelhantes. No entanto, procuramos mostrar que uma mesma morfologia pode trazer estruturas morfossintáticas subjacentes diferentes, e conseqüentemente, acarretam interpretação e comportamento sintático diferentes.

As abordagens de Idan Landau (2010) e Hale e Keyser (1993; 2002) servirão de base para esta proposta. De Landau, aproveitaremos a ideia de o experienciador ser visto como um lugar onde se dá ou acontece um estado psicológico. De Hale e Keyser (1993, 2002), a ideia de que um prefixo pode ser entendido como uma preposição incorporada dentro da estrutura de uma palavra. As propostas acima serão modificadas e adaptadas para o arcabouço teórico que considera possível haver estruturas subjacentes distintas para uma mesma representação morfofonológica: a Morfologia Distribuída.

1 Apresentação da proposta

As perguntas que nortearam nosso trabalho foram:

- (i) Como os verbos psicológicos selecionam seus argumentos e como eles são interpretados?

Baseados na proposta de Landau (2010), assumimos que o objeto-experienciador dos verbos psicológicos seja interpretado como um locativo³. Na

³ No trabalho de Landau (2010), o experienciador é interpretado como um lugar. Objetos experienciadores são, de fato, PPs locativos.

sentença, *A tempestade amedrontou a menina*, uma paráfrase possível envolve um nome de base e um objeto locativo:

A tempestade causou medo na menina.

estrutura locativa

- (ii) Que relação existe (se houver) entre a morfologia do verbo e a estrutura de evento associada a ele?

Verbos psicológicos do tipo ObjExp e verbos location/locatum possuem morfologia semelhante (prefixo mais nome de base). É o caso, por exemplo, de *apavorar* – prefixo *a-* e o nome de base *pavor*; *enraivecera* – prefixo *en-*, e o nome raiva⁴; *etc.* E *engarrifar* – prefixo *en-* mais o nome de base *garrafa*; *acarpetar* – prefixo *a-*, nome *carpete*; *etc.*

Teorias como a Morfologia Distribuída (HALLE, MARANTZ, 1993; MARANTZ 1997, entre outros) assumem a existência de uma sintaxe no interior das palavras. Se assumirmos que a morfologia dos dois, que é semelhante, está indicando a mesma estrutura sintática subjacente, esperaríamos como consequência que os dois grupos tivessem o mesmo comportamento sintático. No entanto, isso não é verdade.

Uma propriedade sintática divergente entre os verbos psicológicos e os location/locatum é a possibilidade de construções com voz passiva em todos os verbos location/locatum:

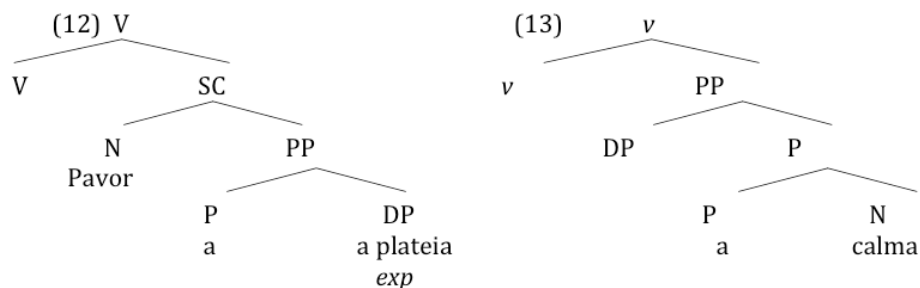
- (6) Os legumes foram encaixotados (pelo atendente).
(7) O prisioneiro foi acorrentado na (cadeia).
(8) O documento foi envelopado (pelo correio).

No entanto, em muitos verbos psicológicos a voz passiva fica comprometida:

- (9) *A mãe foi preocupada pela filha.
(10) *O pai foi aborrecido pelo João.
(11) *A criança foi apavorada pelos morcegos.

⁴ E um sufixo *-ec-*

Com base no que foi descrito acima, a nossa proposta considera a possibilidade de haver duas estruturas sintáticas subjacentes para os verbos psicológicos ObjExp, representadas abaixo:



No esquema arbóreo de número (12), o complemento de V será uma pequena oração (small clause - SC). O DP “a plateia” é o objeto-experienciador. Esse P é uma preposição, que atribui caso para o DP (a plateia). O prefixo *a-* se incorpora ao nome de base “pavor”. E depois dessa incorporação, (a + pavor) se movem para a posição de V, formando o verbo *apavorar*. V é um verbalizador com semântica estativa (o vizinho BE de Harley em vários trabalhos).

Sintaticamente, a ideia é de que haja uma preposição que se incorpora ao verbo e que seleciona e atribui caso ao objeto experienciador. Dessa relação da preposição com o complemento, forma-se uma estrutura locativa: **pavor na plateia**, por exemplo. Assim, o objeto é, de fato, indireto e o caso oblíquo, o que faz com que a passivização seja impossível ou marginal (?? a plateia foi apavorada pelo filme).

No componente morfológico, a preposição se incorpora ao verbo como um prefixo e vira parte do verbo. E a preposição, por ser incorporada ao verbo, faz com que na morfologia (*Morphological Structure*), o caso morfológico dos verbos do tipo objeto-experienciador transitivos diretos (classe 2 para Landau e Belletti & Rizzi) seja acusativo, ainda que, sintaticamente, o caso seja oblíquo (segundo LANDAU, 2010). Já a pronúncia será *verbo* mais *complemento*: **apavorar a plateia**.

Para alguns verbos psicológicos que não têm leitura psicológica (ver Landau, 2010), e, portanto, admitem voz passiva, como por exemplo, em (“a multidão foi acalmada pelo guarda”), proponho em (13) uma estrutura semelhante à de Hale & Keyser (2002) para os verbos do tipo locatum, com uma preposição indicando mudança de posse. Conforme já mencionado, temos como embasamento

teórico a Morfologia Distribuída. De Hale & Keyser (1993, 2002) adotamos a ideia de uma estrutura sintática interna aos itens aqui estudados que envolve uma preposição realizada por um prefixo. É importante ressaltar que o processo que faz a preposição ocorrer no verbo como um prefixo é um movimento morfológico e não sintático. Na Morfologia Distribuída, estrutura sintática alimenta a estrutura morfológica.

Com a nossa proposta, explicamos por que certos verbos psicológicos são estruturalmente ambíguos e, por isso, permitem duas leituras: agentiva e psicológica, como é o caso do verbo *acalmar*. A ideia é de que haja duas estruturas sintáticas subjacentes diferentes para tratar desses verbos. Na estrutura sintática subjacente estativa, o experienciador é visto como um locativo (ARAD, 1997; LAUDAU, 2010), introduzido pela preposição. Quando o verbo tem argumento externo agente, aceitará a passivização, e, segundo nossa proposta, terá uma estrutura sintática subjacente como a dos verbos location/locatum (exemplo 13).

Em outras palavras, uma estrutura morfológica pode ter duas estruturas sintáticas subjacentes distintas. Assim, mostramos que (1) apesar da semelhança morfológica, verbos location/locatum e verbos psicológicos constituem classes distintas, e (2) a leitura “psicológica” do verbo não decorre da existência de um argumento experienciador, no sentido discutido neste trabalho.

Considerações finais

Nossa pesquisa teve como objeto de estudo um grupo de verbos chamado de verbos psicológicos do tipo Objeto-experienciador e a estrutura de evento que supostamente subjaz a eles. A Morfologia Distribuída foi a teoria usada em nossa análise. Procuramos considerar os diversos trabalhos já existentes na literatura, e acreditamos que, com essa abordagem, nos aproximamos de uma explicação para as questões discutidas anteriormente.

As propostas de Landau (2010) e Hale e Keyser (1993, 2002) fundamentam o tratamento sintático dado aos verbos psicológicos do tipo objeto-experienciador. Explicamos diferentes propriedades desses verbos, como o fato de alguns terem interpretação ambígua (agentiva e estativa), mostrando que uma mesma morfologia verbal pode estar associada a duas estruturas sintáticas subjacentes,

além de certos comportamentos sintáticos específicos, como a resistência à passivização de muitos verbos do conjunto analisado.

REFERÊNCIAS:

BELLETTI, Adriana & RIZZI, Luigi. Psych Verbs and Theta Theory. *Natural Language and Linguistic Theory*, 6, p. 291-352, 1988.

BOUCHARD, Denis. *The semantics of syntax: A minimalist approach to grammar*. Chicago: University of Chicago Press. 1995

CANÇADO, Márcia. Uma aplicação da Teoria Generalizada dos Papéis Temáticos: verbos psicológicos. *Revista GEL*. Número Especial: Em memória de Carlos Franchi. Eds. Altman C., M. Hackerott e E. Viotti. São Paulo: Humanistas/Contexto, 2002

CANÇADO, Marcia; GODOY, L. Representação lexical de classes verbais do PB. *Alfa*, São Paulo, 56 (1): 109-135, 2012

HALE, Kenneth; KEYSER, Samuel Jay. On Argument Structure and the Lexical Expression of Syntactic Relations. In Hale, K. and S. J. Keyser eds., *The View From Building 20*, Cambridge: the MIT Press, 53-109, 1993

_____. *Prolegomenon to a Theory of Argument Structure*. Cambridge, the MIT Press, 2002

HALLE, M; MARANTZ, Alec. Some Key Features of Distributed Morphology, 1994

HARLEY, Heidi; NOYER, Rolf. Distributed Morphology. *Glott International*, Volume 4, Issue 4, april 1999

LANDAU, Idan. *The locative syntax of Experiencers*. Cambridge: the MIT Press, 2010

LARSON, Richard K. On the Double Object Construction. *Linguistic Inquiry*, 19, p. 335-391, 1988

MARANTZ, Alec P. No escape from syntax: don't try morphological analysis in the privacy of your own lexicon, in A.Dimitriadis, L. Siegel et al., eds. *University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics*, vol. 4.2, Proceedings of the 21st Annual Penn Linguistics Colloquium, p. 201-225. 1997.

MEDEIROS, Alessandro Boechat de. *Traços Morfosintáticos e Subespecificação Morfológica na Gramática do Português: Um estudo das Formas Participiais*. Tese de Doutorado, UFRJ, 2008

PYLKKÄNEN, Liina. *Introducing Arguments*. Tese de doutorado, MIT, 2002